
Economia circular e environment social and governance em empresas listadas no índice de sustentabilidade empresarial

Circular Economy and Social Environment and Governance Practices Adopted by Companies Listed in the Corporate Sustainability Index

MARCELO SZMUSZKOWICZ 

RAQUEL DA SILVA PEREIRA 

CELSO MACHADO JUNIOR 

RESUMO

Este artigo apresenta pesquisa que objetivou analisar as práticas de Economia Circular e de *Environment Social and Governance* adotadas pelas empresas listadas no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da Bolsa Brasil Balcão (B3). Metodologicamente, esta pesquisa é de natureza aplicada, caracterizada como exploratória, de abordagem qualitativa e do tipo documental. Na condição de empresas em destaque para a sustentabilidade observou-se que uma parcela significativa das empresas (41,38%) que compuseram o Índice de Sustentabilidade Empresarial não apresenta sequer a menção do termo Economia Circular em seus relatórios de desempenho. E, mesmo as empresas que apresentam o termo Economia Circular em seus relatórios, o fazem sem expressar o desempenho esperado e o obtido, não explicitando assim a adequação de suas ações. Nas empresas que manifestaram o termo Economia Circular em seus relatórios, as ações apresentadas guardaram estrita ligação com a perspectiva ambiental e social, estabelecendo adjacências entre as práticas de Economia Circular e *Environment Social and Governance*.

Palavras-chave: Economia Circular; *Environment Social and Governance*; Índice de Sustentabilidade Empresarial; Bolsa de Valores; B3.

ABSTRAT

This article presents a research that aimed to analyze the Circular Economy and Social Environment and Governance practices adopted by companies listed in the Corporate Sustainability Index (ISE) of Bolsa Brasil Balcão (B3). Methodologically, this research is of an applied nature, characterized as exploratory, qualitative approach and documentary type. As companies highlighted for sustainability, it was observed that a significant portion of the companies (41.38%) that made up the Corporate Sustainability Index do not even mention the term Circular Economy in their performance reports. And even companies that present the term Circular Economy in their reports do so without expressing the expected and achieved performance, thus not explaining the adequacy of their actions. In the companies that expressed the term Circular Economy in their reports, the actions presented were closely linked to the environmental and social perspective, establishing adjacencies between the practices of Circular Economy and Environment Social and Governance.

Keywords: *Circular Economy; Social Environment and Governance; Corporate Sustainability Index; Stock Exchange; B3.*

1. INTRODUÇÃO

A previsão de que a população mundial atinja 9.6 bilhões de pessoas em 2050 (ONU, 2019), reforça a emergente preocupação mundial sobre a disponibilidade de recursos naturais para atender o atual padrão de consumo da humanidade. Assim, o estabelecimento de novos paradigmas econômicos, sociais, ambientais e de governança se faz necessário para que o equilíbrio entre a disponibilidade e o uso de recursos naturais ocorra em consonância com uma forma de desenvolvimento que seja sustentável.

O conceito *Triple Bottom Line (TBL)* ou Tripé da Sustentabilidade, estabelece a necessidade de as empresas inserirem em suas estratégias as dimensões econômica, social e ambiental. A adoção destes pilares, potencialmente valoriza as empresas por se posicionarem como sustentáveis e, assim, mitigarem problemas ambientais e incorporarem questões sociais aos modelos de negócios (ELKINGTON, 1997). Recentemente, o autor estabeleceu uma nova abordagem de

capitalismo mais regenerativo e menos predatório, consubstanciando os escopos da sustentabilidade e da Responsabilidade Social Corporativa (RSC) por meio da inclusão de governança nessa estrutura. Nesta perspectiva, emana o conceito de *Environment Social and Governance* (ESG), que implica na redução de riscos ambientais, sociais e financeiros, de forma a atrair investidores e acionistas (ELKINGTON, 2020).

A tendência mundial de investidores optarem por empresas rentáveis e, ao mesmo tempo sustentáveis, denotando Responsabilidade Social Corporativa pode ser observada em fundos de *Socially Responsible Investments* (SRI), que sugerem baixo risco e alto retorno, ao listarem empresas que preencham tais requisitos, valorizando a imagem perante o mercado (ALMEIDA, 2007). O SRI propõe que empresas sustentáveis geram valor para os acionistas ao mitigarem riscos econômicos, sociais e ambientais (ROSA *et al.*, 2010; B3, 2021). Assim, o SRI se posiciona como um importante referencial aos investidores, que buscam empresas que ofertem retorno social e ambiental, além do econômico.

As organizações que incorporam gestão socioambientalmente responsável e boas práticas de governança são interpretadas como mais seguras para aporte de recursos do mercado de ações, pois incorporam, tanto os aspectos financeiros e gestão de riscos, quanto, elementos éticos e morais, especialmente a anticorrupção e o *compliance* (GODFREY *et al.*, 2009).

A Economia Linear (EL) baseada na extração, produção, uso e descarte de recursos e materiais, se posiciona em obsolescência frente a estes novos princípios de atuação organizacional, por não apresentar respostas adequadas aos desafios da geração de resíduos e do esgotamento dos recursos naturais (EMF, 2012). O modelo de EL está migrando para um modelo de negócios que considera a Economia Circular (EC), que se apoia na redução no consumo de recursos naturais e na reutilização dos produtos (EMF, 2015).

A literatura apresenta estudos que analisam a interface de ESG com as organizações e com a sociedade. A pesquisa de Homrich *et al.* (2018) indica a falta de consenso entre as terminologias e definições e uma maior atenção aos assuntos relacionados a cadeia de abastecimento e modelos de negócio. Christensen (2021) enfatiza a relevância

das cidades no processo de transformação das organizações e da sociedade para uma EC. Adicionalmente, o estudo de Upadhyay *et al.* (2021) expressa a possibilidade de as empresas utilizarem casos exitosos de instituições de outros setores da economia como base para a implementação de seus modelos de EC. Identifica-se inclusive críticas de supostas práticas de EC associadas a questões de sustentabilidade, por apresentarem efeitos negativos ao meio ambiente e à sociedade, contrapondo-se assim a proposição de uma relação positiva entre estes fatores (VELENTURF; PURNELL, 2021).

Apesar da diversidade de estudos abordando o ESG, observa-se que a temática ainda se apresenta em construção e em busca de adjacências com outras áreas de estudo. Nesta perspectiva, este estudo inova ao abordar lacuna identificada na análise de adjacências entre o ESG e EC. Neste contexto, identifica-se como um dos pontos de contato entre os temas, o desempenho econômico das empresas. A abordagem desta perspectiva não minimiza a relevância dos demais temas envolvidos, mas busca analisar a influência dos fatores em uma perspectiva de comparação. Vale destacar, que as organizações, por sua vez, dependem da gestão dos mecanismos de governança (SANTOS, 1997) com o desafio de equilibrar desempenho e conformidade e, ao mesmo tempo, atendendo as expectativas das partes interessadas, os *stakeholders* (JSE SRI INDEX, 2004).

A associação de aspectos tão intrincados induz este estudo ao objetivo de analisar as práticas de ESG e de EC adotadas pelas empresas listadas no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE). O ISE se constitui de um grupo de empresas listadas na bolsa de valores oficial do Brasil - B3 (Brasil, Bolsa, Balcão), com gestão voltada para os princípios da sustentabilidade. Além desta Introdução, este artigo apresenta o Referencial Teórico, os Procedimentos Metodológicos, a Análise dos Dados, a Discussão e a Conclusão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando-se o exposto na introdução deste texto e a necessidade de uma forma de desenvolvimento que seja mais sustentável, autores como Elkington (1997, 2020), Pereira (2013); Ghiselline *et al.* (2016), Schwach *et al.* (2017), Machado Jr. *et al.* (2018) e Suárez-Eiroa *et al.* (2019), estão adicionando atualmente a dimensão governança

ao TBL, sendo utilizado o termo ESG para evidenciar ações, projetos e programas organizacionais que consideram em suas práticas a EC. Esta nova perspectiva busca atrair investidores, e simultaneamente atender as demandas dos diversos *stakeholders*.

Nesse sentido a Organização das Nações Unidas ONU estabeleceu a Agenda 2030 composta de um conjunto de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), 169 metas e 13 indicadores (ONU, 2015). Os 17 ODS são orientações claras, integradas e indivisíveis, que de forma equilibrada mesclam as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental (ONU, 2015).

Há organizações que identificam questões de sustentabilidade como estrategicamente importantes e divulgam informações sobre as práticas ambientais, sociais e de governança em seus processos de alocação de capital (KHAN *et al.*, 2016).

A competitividade das empresas incorpora as estratégias de negócios que abarcam a sustentabilidade em conjunto com ESG ou, como utilizado na língua portuguesa, Ambiental, Social e de Governança (ASG). O padrão de divulgações ESG e as abordagens na implementação dessas práticas são dois aspectos essenciais para estabelecer uma vantagem competitiva (JASNI *et al.*, 2019). Os investidores aceitam novas oportunidades na criação de valor financeiro e sustentável se as organizações estabelecerem uma abordagem para a gestão de riscos sociais e ambientais (LOUCEH, 2009), bem como para atender a requisitos de exportações. O conceito de ESG engloba os princípios da EC, que atendem às três dimensões da sustentabilidade: social, ambiental, e econômica e inclui ainda a governança nessas dimensões (CHAGAS *et al.*, 2019).

2.1 Governança

Governança corporativa é um conceito que evoluiu para abordar a ampliação da Responsabilidade Social Corporativa e a participação mais ativa de acionistas e das partes interessadas nas tomadas de decisões corporativas (CLAESSENS; YURTOGLU, 2012; CALDAS; TAMBOSI FILHO; VIEIRA, 2014). Os autores propõem duas categorias prevalentes de abordagem: a primeira enfoca os padrões de comportamento das corporações, medido por desempenho, eficiên-

cia, crescimento, estrutura financeira, gestão de riscos financeiros, sociais e ambientais e tratamento adequado aos acionistas; enquanto a segunda, aborda a estrutura normativa proveniente de fontes como o sistema jurídico, dos mercados financeiros e dos mercados de fatores (de trabalho).

A incorporação da dimensão da governança ao TBL, evidência a relevância da abordagem do ESG, na qual o E – *Environmental*, representa os critérios ambientais com os quais a empresa interage (água, energia e recursos naturais), portanto, toda empresa afeta e é afetada pelo meio ambiente; o S – *Social*, representa os critérios sociais, aborda os relacionamentos que a empresa tem e a reputação que ela promove com pessoas e instituições nas comunidades em que atua; e o G - *Governance*, sistema interno de práticas, controles e procedimentos adotados pela empresa com a intenção de tomar decisões eficazes, cumprir a lei e atender às necessidades das partes interessadas (HENISZ *et al.*, 2019). Os autores apresentam uma abordagem apoiada nos cinco princípios elaborados pela consultoria McKinsey (2019), voltados a ESG: 1) facilitar o crescimento da receita; (2) reduzir custos; (3) minimizar intervenções legais e regulatória; (4) aumentar a produtividade dos funcionários; e (5) otimizar investimentos e despesas de capital.

A ESG analisa como produtos ou serviços produzidos pelas empresas trazem benefício à sociedade, ou ao menos que não tragam impactos negativos. As práticas de transparência, auditoria, controle interno, práticas anticorrupção e Conselho de Administração independente, pertencentes a abordagem da ESG, proporcionam menor risco operacional; menos processos trabalhistas, ambientais e administrativos; menos problemas de governança e a redução de problemas com acionistas, características estas que ampliam a possibilidade de aumento da rentabilidade do negócio (ALMEIDA, 2007; ELKINGTON, 2020).

O *Global Reporting Initiative* (GRI) se posiciona como um dos primeiros conjuntos de diretrizes sistematizadas, com a finalidade de apresentar o desempenho ambiental, social e econômico da empresa, para a sociedade em geral (CEBEDS, 2017), possibilitando assim a avaliação dos riscos e oportunidades das empresas. O GRI modelo *Standards*, opção de adesão essencial, foi o conjunto de normas

adotado pelas empresas listadas da B3. Segundo Xie *et al.* (2016), as questões ambientais exigem gerenciamento proativo, fornecendo ao mercado produtos mais eficientes mediante adoção de mudanças em seus modelos de negócios e nos sistemas que os apoiam, sendo o GRI um desses mecanismos de gestão.

Os Padrões GRI utilizados para a análise sobre EC são: 302-1 Consumo de energia dentro da organização; 302-4 Redução do consumo de energia; 305-5 Redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE); 303-1 Captação de água por fonte; 303-2 Fontes hídricas significativamente afetadas pela captação de água; 303-3; Água reciclada e reutilizada; 304-2 Impactos significativos de atividades, produtos e serviços sobre biodiversidade; 305-1, Emissões diretas (escopo 1) de GEE; 305-2 Emissões indiretas (escopo 2) de GEE; 305-3 e Outras emissões indiretas (escopo 3) de GEE; 305-5 | Redução de emissões de GEE; 306-1 Descarte de água por qualidade e destinação; 306-2 Resíduos por tipo e método de disposição.

Esses padrões estão relacionados a EC (EMF, 2015; GHISELLINI *et al.*, 2016; GEISSDOERFER *et al.*, 2017; ESPOSITO *et al.*, 2018; HOPKINSON, 2018), especialmente no tópico referente a redução do consumo de matéria-prima, água e energia na produção dos produtos e serviços, bem como a redução de emissões de GEE. Uma das formas de se atingir padrões ótimos de ESG precisa ocorrer por meio de EC, conforme apresenta o próximo tópico.

2.2 Economia Circular

A EC é uma ferramenta útil para atingir metas do desenvolvimento sustentável por sua relação com três diferentes conexões possíveis: i) EC é necessária para o desenvolvimento sustentável; ii) EC é benéfica para o desenvolvimento sustentável; e iii) EC e o desenvolvimento sustentável geram uma relação compensatória. Nesta perspectiva, é imprescindível que algumas responsabilidades das metas sociais e dos objetivos ecológicos e econômicos sejam apoiadas na EC (SUÁREZ-EIROA *et al.*, 2019).

A EC oferece uma boa perspectiva da melhora gradual dos atuais modelos de negócios de produção e consumo, não mais adequados pela sua alta extração dos recursos naturais e desigualdade social acarretada. O objetivo final da promoção de EC é a disso-

ciação da pressão econômica sobre o meio ambiente, por meio de padrões de ciclos dentro de um sistema econômico, ampliando a eficiência do uso de recursos para alcançar o equilíbrio econômico (GHISELLINE *et al.*, 2016).

A EC se posiciona como um sistema regenerativo no qual: a entrada de recursos; o desperdício; as emissões e; o uso de água e energia são minimizados, reduzindo e estreitando os *loops* de material e energia. Isso pode ser alcançado por meio de gestão de projetos, manutenção, reparo, reutilização, remanufatura, reforma e reciclagem de longa duração (BOCKEN *et al.*, 2016; GEISSDOERFER *et al.*, 2017; SUÁREZ-EIROA *et al.*, 2019). Tal transição pode ocorrer de forma mais rápida e eficaz por meio de educação para a mudança cultural e mitigação de impactos ambientais (PEREIRA, 2013).

A EC se posiciona como um sistema de consumo e produção que objetiva manter um ciclo contínuo de produtos, componentes, materiais, água e energia, evitando o descarte e o desperdício, possibilitando assim, a geração de valor econômico, social e ambiental. A agregação de valor econômico ocorre pela incorporação de ações de mudanças de modelos de negócio, *design* de produtos associados a redução de insumos naturais (ESPOSITO *et al.*, 2018; HOPKINSON, 2018). Recorrendo ao relatório do Conselho Empresarial Mundial, Thelen *et al.* (2018) propõem um papel central das organizações no processo de transição para a EC. Para os autores, a relevância do setor produtivo para a EC está associada a possibilidade deste setor alterar o fluxo de materiais, priorizando a reutilização em detrimento do consumo de novos recursos naturais. Assim, a EC busca alcançar o desenvolvimento sustentável por meio de modelos de negócios inovadores e consumidores responsáveis (KIRCHHERR *et al.*, 2017).

Os conceitos de EC supracitados refletem-se na prática organizacional conforme pode ser observado no Quadro 1, que apresenta um extrato de abordagens implantadas por consultorias e pesquisadores.

Quadro 1 – Conceituação de EC segundo Consultorias renomadas

Companhia	Definição	Autores / Fonte
Accenture	Na economia circular, o crescimento é dissociado do uso de escassos recursos através de tecnologia disruptiva e modelos de negócios baseados na longevidade, renovabilidade, reutilização, reparo, atualização, reforma, compartilhamento de capacidade.	Lacy <i>et al.</i> (2015)
Deloitte	Como o conceito de economia circular vai além da reciclagem clássica e inclui todas as medidas que aumentam a eficiência dos recursos, o conceito influencia portfólios de produtos e modelos de negócios das indústrias. O caminho para uma economia circular abrangente requer o contínuo empenho das organizações, enquanto elas buscam as soluções e modelos mais viáveis economicamente.	Hestin <i>et al.</i> (2016)
McKinsey & Company	A economia circular é restauradora pelo <i>design</i> - usando e reutilizando o capital natural com a maior eficiência possível e um ciclo de vida logo para os produtos acabados.	Hannon <i>et al.</i> (2016)
PWC Pricewaterhouse Coopers LLP	Uma abordagem circular estende a vida do produto, através da reutilização, remontagem, reforma ou reciclagem. Utiliza-se a tecnologia para extrair valor e aumentar a eficiência, por meio de negócios que impulsionam o valor total dos produtos ampliando os seus resultados.	PWC (2017)
EY	A economia circular é uma nova maneira de fazer negócios, gerenciar recursos e envolver clientes, reduzindo o impacto ambiental. Essa estratégia garante prosperidade em uma era de recursos finitos e crescente demanda. Alcançar resultados de economia circular escaláveis só é possível com a tecnologia digital.	EY (2019)

Fonte: elaborado pelos autores (2021).

Analisando a perspectiva das empresas atuantes em consultoria, se identifica a atenção voltada ao desenvolvimento de novos modelos de negócios e a busca de maior eficiência operacional, em consonância com os conceitos de EC apresentados nesse referencial teórico. A próxima seção apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, com as seguintes características: é conduzida em um ambiente natural (o campo), uma fonte de dados para uma estreita interação, e baseia-se no pesquisador como instrumento-chave na coleta de dados (VIEIRA; RIVERA, 2012; CRESWELL, 2014). Quanto ao delineamento, a pesquisa se caracteriza como documental (MARTINS; THEÓPHILO, 2016), utilizando-se de análise de conteúdo (BARDIN, 2011) de documentos publicados pelas empresas delimitadas para este estudo.

Os documentos analisados neste estudo foram as publicações relacionadas a Responsabilidade Social e os documentos utilizados pela B3 na composição do ISE. As ações desenvolvidas pelos pesquisadores contemplaram a contagem de frequência de palavras e a análise das características e dos conteúdos dos textos dos relatórios. Esta estratégia de coleta de dados se apoia na abordagem de Bauer e Gaskell (2008) e, para tanto, utilizou-se como descritores de busca os termos relacionadas a “Economia Circular” ou “EC”, “*Environment Social and Governance*” ou “ESG” e “Ambiente Sociedade e Governança” ou “ASG”. A pesquisa documental vale-se de todos os documentos elaborados com finalidades diversas (GIL, 2017), assim, neste estudo o material consultado foi o disponibilizado pelas próprias organizações, em seus *websites* até novembro de 2020 e os disponibilizados pelo ISE, da B3 (2020).

O desenvolvimento da coleta de dados apoiou-se em três etapas, a saber: Primeira etapa consistiu na busca do “Relatório de Sustentabilidade de 2019” nos *websites* das empresas listadas no ISE. Constatou-se que as empresas possuem diferentes nomes para seus relatórios que incorporam ações de sustentabilidade, sendo que 48,21% delas possuíam o termo de pesquisa coincidindo com o nome do arquivo disponível de Relatório de Sustentabilidade de 2019 (RS), quais sejam: Petrobras, Braskem, CCR AS, Cielo, Cemig,

Ecorodovias, Engie Brasil Energia, EDP Brasil, Fleury, Klabin, MRV Construtora, AES Tietê, TIM e Telefônica Brasil; por sua vez, as empresas B2W Digital, Eletrobras, Lojas Americanas, Light S/A e Lojas Renner (20,69%) possuíam o Relatório Anual (RA); Itausa e Weg (10,34%) possuíam o Relatório Anual Integrado (RAI); Bradesco, BRF e Movida (6,9%) apresentam o Relatório Integrado (RI); e 10,34% outros nomes de relatórios tais como: Agenda 2030, utilizado pelo Banco do Brasil, Relato Integrado (RIn), utilizado pela Duratex, Relatório de Responsabilidade Socioambiental e Econômico-financeiro (RRSEF), da Copel e Relatório de Resultados (RR), do Santander. Caso não tivesse sido encontrado o arquivo com o nome de RS utilizava-se o relatório disponível acessado pelo termo de pesquisa. Nesse contexto, obteve-se o apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – *Nomenclatura utilizada nos relatórios das empresas ISE*

Empresa	Nome dado ao Relatório				
	Relatório de Sustentabilidade	Relatório Anual	Relatório Anual integrado	Relatório Integrado	Outros nomes utilizados
Banco do Brasil					Agenda 30
Bradesco				X	
Petrobras	X				
BRF				X	
Braskem	X				
B2W Digital		X			
CCR	X				
Cielo	X				
Cemig	X				
Copel					Responsabilidade Socioambiental e Econômico-Financeiro
Duratex					Relato Integrado

Empresa	Nome dado ao Relatório				
	Relatório de Sustentabilidade	Relatório Anual	Relatório Anual integrado	Relatório Integrado	Outros nomes utilizados
Ecorodovias	X				
Engie Brasil Energia	X				
Eletrobras		X			
EDP Energia	X				
Fleury	X				
Itausa			X		
Klabin	X				
Lojas America.		X			
Light		X			
Lojas Renner		X			
Movida				X	
MRV Construt.	X				
Grupo Natura		X			
Santander					Relatório de Resultados
AES Tietê	X				
TIM	X				
Telefônica	X				
Weg			X		

Fonte: elaborado pelos autores deste artigo (2021).

A etapa seguinte consistiu na revisão dos relatórios na busca do termo “economia circular” ou a sigla “EC”. Após a confirmação da existência do termo, analisaram-se as ações relatadas pela empresa, confrontando-as com a teoria de EC, a fim de analisar se as ações

estão coerentes e relacionadas a EC. Caso o termo EC não aparecesse no relatório, analisou-se a empresa possui ações de sustentabilidade não mencionadas como EC, análise que também foi tabulada.

Na última etapa foi realizada a busca e análise dos seguintes termos: “governança”, “*Environment Social and Governance - ESG*”, “Ambiental, Social e Governança - ASG”. Esta ação buscou identificar se as empresas pesquisadas empregam a terminologia e evidenciam a existência de práticas relacionadas a esses termos. Adicionalmente, buscou-se identificar as adjacências dos termos com a EC.

Em 2020 a carteira do ISE foi composta de 34 ações originárias de 30 companhias, no entanto o Itaú Unibanco e Itaúsa apresentam suas ações em um relatório único. Assim, os pesquisadores analisaram um total de 29 relatórios de empresas, as quais são denominadas e analisadas na próxima seção. Constatou-se que essas empresas representam 15 setores da economia e somam R\$ 1,8 trilhão em valor de mercado. Esse montante equivale a 38% do total do valor de mercado das companhias com ações negociadas na B3, com base no fechamento de novembro de 2020 (B3, 2020). Os relatórios foram analisados pelos pesquisadores envolvidos no estudo, de forma individualizada, e posteriormente realizaram-se reuniões de trabalho com a finalidade de elaborar um único entendimento dos elementos coletados, analisá-los e consolidar os resultados, a discussão e a conclusão.

4. ANÁLISE DE DADOS

Para efeito desta pesquisa não foram consideradas na análise documental as ações de monitoramento e gerenciamento de indicadores relacionados às suas atividades e aos seus temas materiais, de acordo com as diretrizes da GRI 302-1, 302-4, 305-5, 303-1, 303-2, 303-3, 304-2, 305-1, 305-2, 305-3, 305-5, 306-1e 306-2. O objeto de estudo da pesquisa são as ações da EC nas empresas listadas no ISE em 2019. A partir dos dados coletados nos relatórios pode-se chegar as seguintes análises e discussões de cada uma das empresas listadas.

Para exibir os dados da pesquisa adotou-se a estratégia de apresentar o desempenho de cada uma das empresas analisadas, o sequenciamento adotado foi de ordem alfabética, não estabelecendo, desta forma, grau comparativo de relevância entre as empresas.

Na sequência, são apresentados os resultados identificados nos relatórios das empresas. Vale destacar que, em função do volume de empresas analisadas, os dados são apresentados de forma sintetizada e orientados a proposição do objetivo da pesquisa. Para facilitar a leitura do presente texto, empregou-se a utilização de siglas comuns as empresas analisadas. As siglas utilizadas são: EC Economia Circular; ESG *Environment Social and Governance*; ODS Objetivos de Desenvolvimento Sustentável; GRI *Global Reporting Initiative*; RA Relatório Anual; RS Relatório de Sustentabilidade; RI Relatório Institucional.

A **AES Tietê** não apresenta o termo EC no seu RS. No entanto, possui ações de ESG tais como: operações e investimentos alinhados ao conceito de uma economia de baixo carbono e geração de energia de fontes renováveis. A empresa privilegia o abastecimento dos veículos utilizados com combustível renovável, bem como o compartilhamento ou carona entre os colaboradores, além de realizar campanhas de conscientização ambiental nas suas comunidades vizinhas.

O **Bradesco** não apresenta o termo EC no RI. O Banco informa ações e práticas de gestão e de engajamento socioambiental e utiliza o termo ecoeficiência com a finalidade de indicar as suas ações relacionadas aos indicadores GRI (redução de consumo de água, poluentes e energia) destinadas a melhorar o consumo de recursos naturais. Adicionalmente, o Banco financia soluções que geram menor impacto socioambiental. Dessa forma, não se observou-se ações de EC.

O **Banco do Brasil** confecciona um relatório denominado “Agenda 30BB Nosso Plano de Ação para um Futuro Sustentável” e destaca o termo EC, porém, apenas para contextualizar a Agenda 30BB, mas o banco não expressa ações propriamente ditas. O Banco utiliza o termo “economia verde e inclusiva” (EVI), entretanto, não evidencia quais as ações de desenvolvimento de soluções financeiras e modelos de negócios no seu relatório. Somente no portfólio do Banco identifica-se o crédito destinado a EVI. No relatório Agenda 30BB também se observa as relações entre sustentabilidade e os ODS. Assim sendo, não foram identificadas ações específicas de EC no seu relatório.

O **Itaú** não apresenta RS e não utiliza o termo EC no seu RAI. O Banco possui ações de redução de consumo de água, poluentes e energia que melhoram a eficiência energética, incentiva a prática de ações socioambientais e fomenta as reduções de emissões dos escopos 1, 2 e 3 dos indicadores de GRI. Não foram identificadas ações específicas de EC.

O **Santander** não apresenta o termo EC no seu RR. Somente no *website* do Banco é que constam as iniciativas e ações de sustentabilidade para o atingimento das diretrizes do GRI, com pouco destaque e mencionando apenas uma ação relacionada a EC: eliminação de copos plásticos. O Banco tem uma linha de crédito específica para projetos sustentáveis. Observa-se informações de iniciativas simples de sustentabilidade sem evidenciar como agregar valor a partir de tais projetos.

A **Braskem** utiliza o termo de EC no seu RS e possui as seguintes ações referente a EC: desenvolvimento de novas tecnologias, novos modelos de negócios, concepção de novos produtos com objetivo de ampliar a eficiência, melhora da cadeia de reciclagem e a reutilização de materiais. A empresa também incentiva o engajamento dos consumidores em programas de reciclagem e recuperação através da educação; faz a mensuração de índices de reciclagem e recuperação dos materiais de embalagens plásticas e apoia a parcerias destinadas à solução da má gestão de resíduos plásticos. A Braskem também desenvolveu a marca *I'm Green*, polietileno verde produzido a partir do etanol de cana-de-açúcar, além de produtos feitos com conteúdo reciclado produtos com a mistura entre renovável e reciclado. Como exemplo solvente feito a partir de fonte renovável. Estabelece a redução da perda de *pellets* (grânulos milimétricos de matéria-prima que podem se dispersar e chegar ao meio ambiente) na produção, foco na reciclagem química e investimento no desenvolvimento de novos produtos a fim de apoiar a EC. Implementa a logística reversa das embalagens sendo transformadas em resinas recicladas e dispõe de um departamento de EC, além de projetos, ações, incentivos para a sua utilização. Constata-se que a Braskem se mostrou um interessante exemplo de empresa focada na EC descrevendo em seu relatório as diversas ações e desenvolvimento de produtos que estão intimamente relacionados com esse conceito.

A **BRF** (incorpora as empresas Perdigão e Sadia) não apresenta o termo EC no seu RI. Utiliza o termo ecoeficiência como tema de soluções sustentáveis. Realiza ações para o atingimento das diretrizes do GRI. Possui ações de ESG tais como: engajar e desenvolver fornecedores, combater desperdício, promover educação para redução de desperdício, implementar linha de produtos, não obstante não estão relacionadas ao conceito de EC. O RI só faz menção às ações de ESG e apresenta descrição das mesmas.

Em relação a empresa **B2W**, não foi encontrado o termo EC em seu RA, mas informa que as suas ações estão ligadas a ESG, sem, contudo, especificá-las detalhadamente ou quantificá-las.

Já a empresa **CCR** (concessionária de rodovias) não menciona o termo EC no seu RS. As ações mencionadas pela CCR estão voltadas às diretrizes GRI, tais como redução de 25,7% na geração e no descarte de resíduos, com redução de 4,4% nos resíduos perigosos em comparação ao ano anterior. Não possui ações relacionadas a EC.

A **Cielo** não menciona o termo EC no seu RS, mas informa ações de EC tais como: compra de mobiliário reciclado ou certificado, parceria para logística reversa para coleta e transformação de eletroeletrônicos em matéria-prima e peças para novos produtos. Registre-se que o relatório apresenta algumas ações simples de EC e menciona a substituição de caixas de papelão por caixas de plástico, não detalhando se proveniente do petróleo, que é um recurso não renovável, porém informa o reaproveitamento desse plástico prolongando a sua vida útil, que vem a corroborar com o conceito de EC. Destaca sua atuação em relação resíduos sólidos, mas não menciona as quantidades substituídas, reaproveitadas e enviadas para a logística reversa.

A **Cemig** publica RS, porém não consta nesse relatório o termo EC. Realiza ações de EC tais como: envio de materiais retirados da operação destinados a alienação, aterro sanitário, coprocessamento, incineração, reciclagem, regeneração do óleo, reutilização conforme conceito de EC e apresentam ações de EC tais como destinação de resíduos reaproveitáveis às empresas de reciclagem. Medidas estas que também fazem parte da ESG. Destaque-se que o RS informa a venda de 98,96% do seu resíduo, porém não informa quanto desse resíduo é destinado ao reuso na cadeia produtiva ou reciclado, recuperado ou outra modalidade de EC.

No RRSEF da **Copel** não consta o termo EC, mas o termo está presente no RI da empresa. As ações da Copel estão relacionadas ao conceito de ESG, tais como: destinação integral dos resíduos de acordo com a PNRS, ações e campanhas de sensibilização socioambiental, ações de preservação da biodiversidade, Programa Florestas Urbanas, diminuição do consumo de água e energia, gestão de resíduos e combate às mudanças climáticas. A Copel fomenta ações de EC e em seu relatório e menciona apenas ações de destinação de resíduos e reciclagem em consonância ao conceito de EC, sem informar a quantidade de produtos reintroduzidos na operação da própria companhia.

A **Duratex** também não apresenta o termo EC no seu RI. A empresa utiliza o termo ecoeficiência como tema de soluções sustentáveis. Entretanto, a Duratex possui ações relacionadas a EC, tais como: a) adoção de tecnologia que recupera e reutiliza todo o bronze e latão que sobram do processo de fundição em outras etapas produtivas; b) transformação do lixo comum em combustível para geração de energia e os resíduos de restaurante são enviados para compostagem; e c) proibição de encaminhamento de papel impregnado para aterros. A empresa destina para tratamento ambientalmente adequado mais de 895 mil m³ de efluentes, porém não há dados para saber se o volume é alto ou não. A empresa possui ações de descarte consciente e referente a logística reversa coletam material, que voltaram como matéria-prima para a indústria.

A **Ecorodovias** não apresenta o termo EC no seu RS. A empresa declara ações de EC no seu relatório tais como: o gerenciamento de resíduos baseando-se na declaração da premissa de priorização da reciclagem e reutilização de materiais; e do método de disposição dos resíduos como reutilização, recuperação e reciclagem. Demais ações como as de conscientização e de práticas ambientais e gerenciamento das consequências dos projetos estão relacionadas ao conceito de ESG. O relatório evidencia mais o comprometimento da empresa do que ações propriamente ditas.

A empresa **EDP Energia** apresenta o termo EC no RS, definindo-o como um *driver* da sua estratégia de sustentabilidade e fomenta ações de EC, tais como: valorização dos materiais residuais tornando-se 60% em subprodutos; e 25% em recicláveis,

sendo os restantes enviados para produção de energia elétrica. Nas atividades de construção, operação e manutenção de instalações, o relatório destaca que a empresa privilegia a reutilização e encaminhamento para reciclagem, substituição de óleos minerais por óleos vegetais, com baixo nível de toxicidade e melhor capacidade de biodegradação nas suas redes de distribuição. Na gestão de transformadores com policlorobifenilos (PCB), a empresa utiliza as melhores práticas para tratamento final de resíduos. A EDP Energia assumiu o compromisso de eliminar 100% dos plásticos de utilização única. Portanto, esse relatório não só apresenta e descreve as ações de EC como também as quantifica.

A **Engie Brasil Energia** não utiliza o termo EC no RS, mas realiza ações de EC, tais como: a) recuperação e reciclagem de resíduos e melhoria na sua gestão; e b) utilização do asfalto ecológico em conservação de pavimentos e em novas obras. A companhia possui ações de ESG tais como: iniciativas com foco na conservação dos recursos naturais e na minimização de impactos sobre a biodiversidade das regiões; transição energética para uma economia de baixo carbono; campanhas educativas e programa de coleta seletiva; e destinação adequada de resíduos recicláveis a empresas parceiras. O RS descreve poucas ações referente a EC e também não as quantifica.

A empresa **Eletrobras** não apresenta o termo EC no seu RA. O relatório destaca ações de ESG relacionadas a compromissos de implementação das melhores práticas nacionais e internacionais de sustentabilidade empresarial. O RA menciona comprometimento da companhia, sem relatar as ações efetivas.

O **Grupo Fleury** publica o RS, mas nele não aparece o termo EC. A empresa possui ações de redução de resíduos, de consumo de água, de monitoramento e controle dessas ações e incentiva campanha educativa. O RS demonstrou ações para a confecção do relatório das diretrizes do GRI.

No seu RS a **Klabin** não menciona o termo EC. Apesar disso, a empresa informa ações de EC, tais como: reaproveitamento de resíduos sólidos; aumento no reaproveitamento de resíduos; redução de resíduos sólidos perigosos; desenvolvimento de produto com menor pegada de carbono. Constata-se também no relatório que as ações mencionadas estão relacionadas ao conceito de EC.

No RA da **Lojas Americanas** não aparece o termo EC. O relatório informa ações de ESG tais como: promoção e engajamento de públicos para a adoção de práticas sustentáveis; exigência de certificação para os fornecedores que garantem a adesão a boas práticas éticas e de responsabilidade socioambiental; reciclagem de seus resíduos, especialmente o papelão (substituição de caixa de papelão por contentores de polipropileno); além de racionalização do consumo de água. A empresa incentiva entregas por meio de bicicletas e o aumento do uso de energias renováveis nas lojas físicas. O relatório apresenta algumas ações de promoção e engajamento de EC, mas não menciona as quantidades envolvidas nessas ações.

A empresa **Movida** apresenta o termo EC no seu RI. A companhia realiza ações de minimização dos insumos usados com processos de transformação digital, redução no uso de papel nas lojas físicas, implantação de coleta seletiva e projeto para implantar 100% de energia renovável no abastecimento de lojas e escritórios até 2021. A empresa tem projeto de redução de 50% no envio de resíduos a aterros sanitários até 2030, sob impulso da EC, e a inclusão social de catadores e cooperativas. A Movida participa do Programa *Carbon Free* e do estímulo ao abastecimento com etanol e da melhoria do desempenho ambiental, com menor consumo de água (projetos de lavagem a seco). Observa-se, no entanto, que o RI não informa as quantidades enviadas a aterros.

O termo EC não aparece no RS da **MRV Construtora**, mas apesar disso, apresenta ações de EC: adoção de produtos com menor geração de resíduos; utilização de sistemas fotovoltaicos nos empreendimentos e nos seus escritórios; contratação de fornecimento de energia renovável proveniente do tratamento de resíduo urbano para novos empreendimentos residenciais de grande porte; adoção de medidas como reciclagem, reutilização, logística reversa, mudança de processo construtivo e utilização de peças pré-fabricadas ou pré-moldadas. A empresa apresenta ações de ESG e há ações em consonância ao conceito de EC, entretanto, não informa dados quantitativos a elas relacionados.

A **Natura** apresenta no seu RA o termo EC. A companhia fomenta diversas ações de EC, tais como: utilização de material reciclado como insumo e reciclado pós-consumo nos seus produtos;

diversos materiais reciclados utilizado nas embalagens chamadas ecoeficientes; ações de substituição do plástico nos centros de distribuição pelo papel Kraft. O RA menciona diversas ações corroborando com o conceito de EC, mas não as quantifica.

No seu RS a **Petrobras** utiliza o termo de EC e realiza as seguintes ações: desenvolvimento de projetos com combustíveis renováveis avançados como diesel renovável e bioquerosene de aviação (bioqav); minimização de geração de resíduos sólidos, alinhadas ao conceito de EC; reaproveitamento de correntes residuais oleosas, com a recuperação de hidrocarbonetos e a produção de coque verde de petróleo, evitando a geração de resíduos oleosos; e destinação dos resíduos perigosos e não perigosos dos processos. O relatório informa que o gerenciamento dos resíduos sólidos permitiu que 74% da massa dos resíduos perigosos gerados nos processos fosse destinada para rotas RRR (Reuso, Reciclagem e Recuperação). A empresa faz a recuperação de óleo lubrificante usado ou contaminado (OLUC), bem como recuperação de embalagens plásticas de lubrificantes. O RS descreve diversas ações de aplicação de EC, mas não informa a quantidade de reaproveitamento, recuperação e destino de produtos.

A empresa **Light** não apresenta o termo EC no seu RA. A organização possui ações relacionadas ao conceito de ESG tais como: pontos de coleta para reciclagem; compromisso com a preservação e conservação do meio ambiente; uso eficiente dos recursos naturais e redução das emissões de GEE; projetos de educação e projetos ambientais; ações de intenção de gestão de resíduos; promoção de programas e projetos de sustentabilidade; projetos de iluminação pública; projetos de eficiência energética; destinação de resíduos gerados à reciclagem; projetos Comunitários com entrega de 674 geladeiras mais eficientes e 21.773 lâmpadas; compromissos com o Meio Ambiente e o Clima. Observa-se que o RA apresenta compromissos assumidos, projetos em andamento e poucas ações de EC. Pode-se inferir que a entrega de geladeiras pela Light esteja mais ligada a uma forma de doação, talvez com incentivo fiscal, do que a uma ação social de ESG. O relatório não menciona o valor gasto e qual o recurso utilizado.

No seu RA a empresa **Lojas Renner** apresenta o termo EC e informa ações tais como: logística reversa para embalagens e frascos de

perfumaria e beleza e para roupas; aplicação dos princípios da EC na construção e reforma de lojas e no desenvolvimento de mobiliários de exposição tendo como ganho a redução no consumo de matérias-primas na obra. O relatório também informa ações de aumento no uso de matérias-primas recicladas ou recuperadas. A empresa destaca que a inauguração de lojas sustentáveis com premissas de circularidade permitiu reduções expressivas de matéria-prima, tais como: 65% menos gesso por m², 65% menos massa corrida por m², 91% menos dutos de retorno de ar-condicionado por m². A empresa destaca em seu relatório os principais resultados obtidos com a EC: 35% do aumento de produtividade, aumento de 10% na pontualidade da entrega e redução de 48% nas peças reprovadas, além de otimização do seu consumo e redução da geração de resíduos e de seu reaproveitamento. A seleção de materiais mais circulares e alinhados ao desenvolvimento de *design* mais eficiente permitiu a empresa ganhos de: redução no número de modelos de mobiliário para modelo com modularidade com menor uso de matéria sendo 100% livres de substâncias tóxicas e 100% recicláveis. Dentro do conceito de EC, a companhia utiliza matérias-primas menos impactantes, tais como: algodão certificado; viscose certificada; liocel, modal, poliamida biodegradável; cosméticos de baixo impacto; embalagens e algodão reciclado; PET reciclado; rejeans; e, remalha. O RA apresenta não somente as ações realizadas em concordância ao conceito de EC, bem como quantifica mostrando os resultados da aplicação de cada uma delas.

A **Telefônica** apresenta o termo EC no seu RS e fomenta ações tais como: inserção para uma economia de baixo carbono; conversão de 100% do consumo de energia para fontes renováveis; utilização de carros compartilhados; uso de bicicletas elétricas para visitas. A empresa inaugurou lojas com conceitos LEED (*Leadership in Energy and Environmental Design*) que envolve a compra de mobiliário com certificação ambiental. Outras ações foram destacadas no relatório tais como: a eliminação completa de copos plásticos, substituição das faturas das contas impressas por digitais, oferta de aparelhos que oferecem menor impacto ao meio ambiente, oferta aos clientes, de coleta e destinação de celulares, carregadores e baterias. A Telefônica oferece descontos nos novos *smartphones* mediante a

entrega do usado, sendo que os aparelhos em bom estado são novamente comercializados por uma empresa parceira, após serem reconicionados. O relatório menciona campanhas para ampliar a recuperação e reciclagem de dispositivos como *modems*, *decoders* e outros aparelhos utilizados para prover internet dos clientes. Assim sendo, os materiais coletados são enviados ao Centro de Reparos, para tratativa de reaproveitamento ou enviados para empresas de reciclagem daqueles equipamentos sem condições de reparo, dando a correta destinação dos materiais completando o ciclo da EC. A companhia incentiva a entrega de aparelhos nas lojas para que os equipamentos sejam reconicionados, voltando para o uso, tendo como objetivo a EC. A companhia também realiza a logística reversa de resíduos eletrônicos e faz o envio de equipamentos e materiais para reciclagem e reuso, sendo a reciclagem de mais de 96% dos cabos e sucatas de metais, com destinação para reutilização nas indústrias metalúrgica e alimentícia. O RS cita diversas ações relacionadas ao conceito de EC, entretanto, o relatório não apresenta as quantidades destinadas ou retiradas de cada ação.

A TIM não apresenta o termo EC no seu RS. A empresa possui ações relacionadas ao ESG que envolve: a participação no Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU); desenvolvimento de projetos conectados aos ODS; e a empresa responde ao *Carbon Disclosure Project* (CDP). A TIM tem projeto para o uso mais eficiente da energia para o tráfego de dados com objetivo de aumentar a eficiência em 75% até 2025, está investindo na autogeração de energia, por meio de projetos de energia elétrica por fontes renováveis, como painéis solares, geradores a biogás e Centrais Geradoras Hidrelétricas (CGHs). A empresa instalou urnas coletoras para resíduos eletrônicos fora de uso, como *smartphones*, *simcards*, baterias, fones de ouvido e *modems*. Também implantou políticas de restrição de impressão e realizou campanhas de conscientização para a redução do consumo. O RS apresenta ações mais relacionadas às diretrizes do GRI e poucas ações referentes a EC e não menciona as quantidades coletadas, destinadas e reaproveitadas de resíduos.

No seu RA, a empresa **Weg** não cita termo EC. Porém, a empresa executa ações de EC tais como: modelo alinhado a uma economia de baixo carbono; ações de promoção à substituição de motores

antigos por novos e mais eficientes; desenvolvimento de produtos com menor consumo de energia; soluções integradas para veículos elétricos e estações de recarga; disponibilização de conjunto de turbina hidráulica e hidrogeradores de elevada eficiência; desenvolvimento de novos transformadores mais eficientes e compactos; desenvolvimento de tintas que promovem menos impacto ambiental. A **Weg** estabelece metas que envolvem: minimizar resíduos; minimizar consumo em geral na produção/operação; aumentar a eficácia na utilização de recursos naturais; reutilização de matéria-prima no processo produtivo; redução de geração de resíduos; ações de eficiência energética e de redução de emissões; melhorias em processos trazendo maior eficiência e menor impacto ambiental; melhoria em equipamentos para deixar o processo com menos impactos ambientais e destinação do resíduo para a reciclagem, aterro, incineração/coprocessamento e reuso. O RA da **Weg** apresenta diversas ações em conformidade ao conceito de EC. O Quadro 3 sintetiza os dados coletados referente ao termo EC nos seus relatórios.

Quadro 3 - Empresas que possuem o termo de EC

	Apresentam o termo EC	Apresentam o termo EC e ações compatíveis	Não apresentam o termo, mas possuem ações de EC	Não apresentam o termo EC e nem ações relacionadas a EC
Banco do Brasil				X
Bradesco				X
Petrobras	X	X		
BRF				X
Braskem	X	X		
B2W Digital				X
CCR				X
Cielo			X	
Cemig			X	
Copel			X	
Duratex			X	
Ecorodovias				X

	Apresentam o termo EC	Apresentam o termo EC e ações compatíveis	Não apresentam o termo, mas possuem ações de EC	Não apresentam o termo EC e nem ações relacionadas a EC
Engie Brasil Energia			X	
Eletrobras				X
EDP Energia	X	X		
Fleury				X
Itausa				X
Klabin			X	
Lojas Americanas			X	
Light				X
Lojas Renner	X	X		
Movida	X		X	
MRV Construtora			X	
Grupo Natura	X	X		
Santander			X	
AES Tietê				X
TIM				X
Telefônica	X	X		
WEG			X	

Fonte: elaborado pelos autores (2021)

Após o levantamento e análise dos dados referentes ao pronunciamento que as empresas realizam por meio de seus relatórios, a próxima seção os discute com o referencial teórico utilizado na pesquisa.

5. DISCUSSÃO

Identificou-se que as empresas Braskem, EDP Energia, Lojas Renner, Movida, Natura, Petrobras, Telefônica e WEG apresentam o termo EC nos seus respectivos relatórios (24,14% do total das empresas listadas). Apesar das empresas possuírem os termos EC em seus relatórios, observa-se que as suas práticas se apresentam

tímidas em relação a perspectiva que a EC propõe, denotando fragilidade nas ações relatadas. A ausência de desempenho e de metas dos indicadores que monitoram as ações relacionadas a ESG, nos relatórios apresentados pelas empresas, se contrapõem a proposta de Suárez-Eiroa *et al.* (2019) que indicam como imprescindível a existência de metas sociais e ambientais para acompanhar o desempenho das responsabilidades das empresas que adotam a EC.

Dentre as empresas que abordam a EC em seus relatórios, há o destaque positivo para a Braskem, EDP Energia, Lojas Renner e Natura, que apresentam relatórios que melhor expressam as ações e os resultados obtidos dentro do escopo da EC. Apesar das deficiências encontradas nos relatórios, os mesmos indicam aderência às abordagens de EC propostas por Ghiselline *et al.* (2016); Suárez-Eiroa *et al.* (2019) e Elkington (2020).

As demais empresas analisadas Cielo, Cemig, Copel, Dura-tex, Engie, Klabin, Lojas Americanas, Movida, MRV Construtora e Santander, não apresentam a designação de EC em seus relatórios (37,93% das empresas), apesar de mencionarem ações que possam ser interpretadas como aderentes a EC, em maior ou menor intensidade. As ações com potencial aderência a EC estão associadas a abordagem socioambiental e relacionadas a perspectiva do ESG, sendo este termo comum aos relatórios. A associação dos aspectos ambientais, sociais e econômicos comuns a EC e a ESG apresentados pelas empresas vão ao encontro da proposição de Chagas *et al.* (2019) que preconiza os aspectos citados e a governança.

Grande parte dos dados coletados nos relatórios analisados incorpora a atenção da gestão das empresas para as questões relacionadas ao consumo de recursos, água e energia, conforme propõem Bocken *et al.* (2016), Geissdoerfer *et al.* (2017) e Suárez-Eiroa *et al.* (2019). No entanto, não se evidencia em grande parte das empresas a realização de processo de retroalimentação, ou seja, de aproveitamento do que não foi utilizado nos processos como insumo de novas atividades, aspecto este de destaque na EC, contexto também realçado por Thelen *et al.* (2018).

Outra ausência percebida nos relatórios, de forma geral, é a não proposição de novos modelos de negócio, que se posicionam como um importante componente econômico, segundo as abordagens de Esposito *et al.* (2018) e de Hopkinson (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A base de empresas analisadas nesta pesquisa aborda as listadas no ISE, e nesta condição se posicionam com um extrato diferenciado de atuação em relação a perspectiva da sustentabilidade, pois possuem suas ações analisadas pela Bolsa de Valores B3. As empresas nesta condição podem ser interpretadas pela sociedade como detentoras de uma gestão que se preocupa com os aspectos sociais e ambientais decorrentes da sua atuação. Neste contexto, é possível inferir que sejam empresas de referência no quesito de atuação social e ambiental. A atuação destas empresas não pode ser interpretada como uma realidade do mercado, mas sim como uma potencial tendência a ser analisada.

Na condição de empresas em destaque para a sustentabilidade, observou-se que uma parcela significativa ainda não apresenta sequer a menção do termo Economia Circular em seus relatórios de desempenho. E, mesmo as empresas que apresentam o termo Economia Circular em seus relatórios, o fazem sem expressar qual o desempenho esperado e o obtido, não explicitando, assim, a adequação de suas ações.

As ações relacionadas as perspectivas ambiental e social se apresentam em todas as empresas, sem, no entanto, estabelecerem estrita ligação com a abordagem da *Environment Social and Governance*, pela ausência da interface com a governança que desempenham.

Nas empresas que manifestaram o termo Economia Circular em seus relatórios, as ações apresentadas guardaram estrita ligação com a perspectiva ambiental e social. Assim, atendendo ao objetivo proposto pela pesquisa é possível afirmar que uma parcela relevante das empresas listadas no ISE estabelece adjacências entre a prática de EC e de ESG. Neste contexto, a relevância destas empresas pode sinalizar a existência de uma tendência de incorporação da EC as práticas de ESG das organizações. Aspecto este que potencializa o desenvolvimento da EC pelas empresas. No entanto, a ausência do tópico pertinente a EC em grande parte dos relatórios destas empresas, evidencia que esta temática ainda não faz parte do processo de gestão das empresas, ao menos pelos dados informados nos relatórios analisados.

Esta pesquisa se posiciona como exploratória, assim, os dados não possibilitaram a identificação de padrões de conduta de empresas que incorporam a EC em sua gestão. Fato este que se posiciona, tanto como ou limitação, quanto como uma oportunidade para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, F. **Os desafios da sustentabilidade**: uma ruptura urgente. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- B3 – BOLSA BRASIL BALCÃO. **Índice de Sustentabilidade Empresarial 2020**. Disponível em: http://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/indices/indices-de-sustentabilidade/indice-de-sustentabilidade-empresarial-ise-composicao-da-carteira.htm . Acesso em: 15 dez. 2020.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOCKEN, N. M. P. *et al.* Product design and business model strategies for a circular economy. **Journal of Industrial and Production Engineering**, v. 33, n. 5, p. 308-320, 2016.
- CALDAS, C. B.; TAMBOSI FILHO, E.; VIEIRA, A. M. Governança Corporativa e Sustentabilidade: uma relação necessária. **Revista UNIABEU**, v. 7, p. 353-369, 2014.
- CEBEDS - CONSELHO EMPRESARIAL BRASILEIRO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **O que é GRI?**. 2017. Disponível em: <https://cebds.org/o-que-e-gri/#.XxOeB55Kg2w> . Acesso em: 19 jan. 2021.
- CHAGAS, M. J. R.; ALVES, J. L.; TAVARES, A. A governança para a economia circular: um estudo bibliométrico da literatura internacional. **Revista Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, Florianópolis, v. 9, n. 4, p. 511-529, out/dez. 2020.
- CHRISTENSEN, T. B. Towards a circular economy in cities: Exploring local modes of governance in the transition towards a circular economy in construction and textile recycling. **Journal of Cleaner Production**, v. 305, p. 127058, 2021.
- CLAESSENS, S; YURTOGLU, B. **Corporate governance and development**: An update. World Bank, 2012. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.362.4359&rep=rep1&type=pdf> . Acesso em: 28 mar. 2021.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- ELKINGTON, J. **Cannibals with Forks**: The triple bottom line of 21st century business. Capstone, Oxford, 1997.
- ELKINGTON, J. **Green Swans**: The Coming Boom in Regenerative Capitalism. New York: Fast Company Press, 2020.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION - EMF. **Towards a Circular Economy:** Business Rationale for an Accelerated Transition. EMF, [s. l.], p. 20, 2015.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION - EMF. **Towards the circular economy** - Vol. 1: Economic and business rationale for an accelerated transition. Isle of Wight: EMF, 2012.

ESPOSITO, M.; TSE, T.; SOUFANI, K. Introducing a circular economy: New thinking with new managerial and policy implications. **California Management Review**, v. 60, n. 3, p. 5–19, 2018.

EY. **Are You Ready for the Circular Economy?** The Necessity of an Integrated Approach. 2019. Disponível em: [https://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/EY-brochure-%20cas-are-you-ready-for-the-circular-economy/\\$FILE/EY-brochure-cas-are-you-ready-%20for-the-circular-economy.pdf](https://www.ey.com/Publication/vwLUAssets/EY-brochure-%20cas-are-you-ready-for-the-circular-economy/$FILE/EY-brochure-cas-are-you-ready-%20for-the-circular-economy.pdf). Acesso em: 06 fev. 2021.

GEISSDOERFER, M. et al. The Circular Economy – A new sustainability paradigm? **Journal of cleaner production**, v. 143, p. 757-768, 2017.

GHISELLINI, P.; CIALANI, C.; ULGIATI, S. A review on circular economy: The expected transition to a balanced interplay of environmental and economic systems. **Journal of Cleaner Production**, v. 114, p. 11–32, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GODFREY, P.C.; MERRILL, C.B.; HANSEN, J. M. The Relationship between Corporate Social Responsibility and Shareholder Value: An Empirical Test of the Risk Management Hypothesis. **Strategic Management Journal**, v. 30, p. 425-445, 2009.

HANNON, E.; KUHLMANN, M.; THAIDIGSMANN, B. **The circular economy:** Moving from theory to practice. McKinsey Center for Business and Environment Special edition, October, 2016. Disponível em: <https://www.mckinsey.com/~media/McKinsey/Business%20Functions/Sustainability/Our%20Insights/The%20circular%20economy%20Moving%20from%20theory%20to%20practice/The%20circular%20economy%20Moving%20from%20theory%20to%20practice.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2021.

HENISZ, W.; KOLLER, T.; NUTTALL, R. **Five ways that ESG creates value**. McKinsey Quarterly, November 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/227493878_The_Relationship_Between_Corporate_Social_Responsibility_and_Shareholder_Value_An_Empirical_Test_of_the_Risk_Management_Hypothesis. Acesso em: 27 mar. 2021.

HESTIN, M., CHANOINE, A., MENTEN, F., 2016. **Circular Economy Potential for Climate Change Mitigation**. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/content/dam/%20Deloitte/fi/Documents/risk/Deloitte-Circular%20economy%20and%20Global%20Warming.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

HOMRICH, A. S. et al. The circular economy umbrella: Trends and gaps on integrating pathways. **Journal of Cleaner Production**, v. 175, p. 525-543, 2018.

HOPKINSON, P. et al. Managing a complex global circular economy business model: opportunities and challenges. **California Management Review**, v. 60, n. 3, p. 71–94, 2018.

JASNI, N. S.; YUSOFF, H.; ZAIN, M. M. M. D.; YUSOFF, N.; SHAFFEE, N. S. **Business strategy for environmental social governance practices:** evidence from telecommunication companies in Malaysia. Faculty of Accountancy, Universiti Teknologi MARA, Shah Alam, Selangor, Malaysia. 2019.

JSE SRI INDEX. **Background and Criteria**. September 2004. Disponível em: <https://www.jse.co.za/>. Acesso em: 08 dez. 2020.

KHAN, M.; SERAFEIM, G. E.; YOON, A. Corporate Sustainability: First Evidence on Materiality. **The Accounting Review**, v. 91, n. 6, p. 1697-1724, 2016.

KIRCHHERR, J.; REIKE, D.; HEKKERT, M. Conceptualizing the circular economy: An analysis of 114 definitions. **Resources, Conservation and Recycling**, v. 127, p. 221-23, 2017.

LACY, P. et al. **Circular Advantage: Innovative Business Models and Technologies to Create Value in a World Without Limits to Growth**. Disponível em: https://www.accenture.com/t20150523T053139_w_us-en/acnmedia/Accenture/Conversion-Assets/DotCom/Documents/Global/PDF/Strategy_6/Accenture-Circular-Advantage-Innovative-Business-Models-Technologies-Value-Growth.pdf. 2015. Acesso em: 17 dez. 2020.

LOUCHE, C. Corporate social responsibility: The investor's perspective. In: **Professionals' Perspectives of Corporate Social Responsibility**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2009. p. 211-231.

MACHADO JUNIOR, C. et al. Do Brazilian cities want to become smart or sustainable?. **Journal of Cleaner Production**, v. 199, p. 214-221, 2018.

MARTINS, G. A.; THEÓFILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2016.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plataforma Agenda 2030**. Disponível em: agenda2030.org.br/sobre. Acesso em 19 dez. 2020.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Goal 12: Ensure sustainable consumption and production patterns**. 2019. Disponível em: <https://www.un.org/sustainable%20development/sustainable-consumption-production>. Acesso em: 03 dez. 2020.

PEREIRA, R. S. (org.) **Gestão para o Desenvolvimento Sustentável – Desafios e proposições para a Sustentabilidade Socioambiental**. São Paulo: Globus, 2013.

PRICEWATERHOUSECOOPERS LLP - PWC. **Spinning around Taking control in a circular economy**. 2017. Disponível em: <https://www.pwc.com/gx/en/sustainability/assets/taking-control-in-a-circular-economy.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

ROSA, F. S. et al. Gestão da evidenciação ambiental: um estudo sobre as potencialidades e oportunidades do tema. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, v. 16, p. 157-166, 2011.

SANTOS, M. H. C. Governabilidade, governança e democracia: criação de capacidade governativa e relações executivo-legislativo no Brasil pós-constituente. **Dados**, v. 40, n. 3, 1997.

SCHWACH, R. G. et al. Divulgação de indicadores de sustentabilidade pelas empresas com governança corporativa. **Exacta**, v. 15, n. 3, p. 457-470, 2017.

SUÁREZ-EIROA, B. et al. Operational principles of circular economy for sustainable development: Linking theory and practice. **Journal of cleaner production**, v. 214, p. 952-961, 2019.

THELEN, David et al. **Scaling the Circular Built Environment: Pathways for Businesses and Government**. **World Business Council for Sustainable Development**: Geneva, Switzerland, 2018.

UPADHYAY, A. et al. Exploring barriers and drivers to the implementation of circular economy practices in the mining industry. **Resources Policy**, v. 72, p. 102037, 2021.

VELENTURF, A. P. M.; PURNELL, P. Principles for a sustainable circular economy. **Sustainable Production and Consumption**, v. 27, p. 1437-1457, 2021.

VIEIRA, A. M.; RIVERA, D. P. B. A Hermenêutica no Campo Organizacional: duas possibilidades interpretativistas de pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 14, n. 44, p. 261-273, 2012.

XIE, M. et al. Life cycle assessment of the recycling of Al-PE (a laminated foil made from polyethylene and aluminum foil) composite packaging waste. **Journal of Cleaner Production**, v. 112, n. 35, p. 4430-4434, 2016.

Recebido em: 27-9-2021

Aprovado em: 15-3-2022

Avaliado pelo sistema double blind review.

Disponível em <http://mjs.metodista.br/index.php/roc>

Copyright of Revista Organizações em Contexto is the property of Revista Organizacoes em Contexto and its content may not be copied or emailed to multiple sites or posted to a listserv without the copyright holder's express written permission. However, users may print, download, or email articles for individual use.